

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PABLO FELIPE DE OLIVEIRA SOUSA

**CORPOS DISSIDENTES EM UMA SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA: UM
ESTUDO DA CULTURA BALLROOM**

**Jaguarão
2023**

PABLO FELIPE DE OLIVEIRA SOUSA

**CORPOS DISSIDENTES EM UMA SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA: UM
ESTUDO DA CULTURA BALLROOM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Bacharelado em Produção e Política
Cultural da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: **Professora Doutora
Leticia de Faria Ferreira**

**Jaguarão
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S725c Sousa, Pablo Felipe de Oliveira

Corpos dissidentes em uma sociedade individualizada: um estudo da Cultura Ballroom / Pablo Felipe de Oliveira Sousa. 44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)—Universidade Federal do Pampa, PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL, 2023.

"Orientação: Leticia de Faria Ferreira".

1. Ballroom. 2. Identidades Culturais . 3. Representações Sociais . 4. Produção Cultural . 5. Etnografia . I. Título.

PABLO FELIPE DE OLIVEIRA SOUSA

CORPOS DISSIDENTES EM UMA SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA: UM ESTUDO DA CULTURA BALLROOM

Trabalho de Conclusão de Curso
Bacharelado em Produção e Política Cultural
apresentado como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do Título de
Bacharel em Produção e Política Cultural,
pela Universidade Federal do Pampa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17/02/2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Leticia de Faria Ferreira
Orientador- Unipampa

Profa. Dra. Marcela Wanglon Richter
Unipampa

Profa. Dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues
Unipampa



Assinado eletronicamente por LETICIA DE FARIA FERREIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 24/02/2023, às 19:30, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por CARLA DANIELA RABELO RODRIGUES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 24/02/2023, às 21:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 02/03/2023, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1064453 e o código CRC 4791BC19.

Unipampa — Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

AGRADECIMENTO

A minha mãe e meu pai, por todo o apoio e pela ajuda, que sempre me incentivaram em meus momentos mais difíceis e contribuíram para a minha formação e realização deste trabalho. Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho. A Profa Dra Leticia de Faria Ferreira por ter sido minha orientadora e amiga e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. A Majestade Babilônia, junto a Casa de Babilônia e Campinas is Burning por todo acolhimento, carinho e contribuição ao meu estudo. A minha banca pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso aborda a cena nacional da cultura *Ballroom* e suas representações sociais. Procura compreender como se estabelecem os contatos dentro do próprio grupo e as suas ações de fortalecimento identitário. A pesquisa se dá a partir do método etnográfico junto aos integrantes do movimento cultural “Campinas is Burning”, movimento que contribui para o fomento da cultura *Ballroom* na região de Campinas, São Paulo. Ainda em Campinas, pesquisa-se a “Casa de Babilônia”, visando comparar e aprender sobre as Casas na cultura *Ball* e suas representações no movimento.

Palavras-Chave: 1. Ballroom. 2. Identidades Culturais. 3. Representações Sociais. 4. Produção Cultural. 5. Etnografia.

RESUMEN

El trabajo de finalización del curso aborda el panorama nacional de la cultura Ballroom y sus representaciones sociales. Se busca comprender cómo se establecen los contactos dentro del propio grupo y sus acciones de fortalecimiento identitario. La investigación se basa en el método etnográfico con integrantes del movimiento cultural “Campinas is Burning”, movimiento que contribuye a la promoción de la cultura de Ballroom en la región de Campinas, São Paulo. Aún en Campinas, se investiga la “Casa de Babilônia”, con el objetivo de comparar y conocer la cultura de las Casas en la Ball y sus representaciones en el movimiento.

Palabras clave: 1. Ballroom. 2. Identidades Culturales. 3. Representaciones Sociales. 4. Producción Cultural. 5. Etnografía.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa de divulgação Baile Vermelho	27
Figura 2 - Categorias Baile Vermelho	28
Figura 3 - Categorias Baile Vermelho	30
Figura 4 - Categorias Baile Vermelho	32
Figura 5 - Categorias Baile Vermelho	33
Figura 6 – Categorias Baile Vermelho.....	34
Figura 7 - Capa de divulgação <i>Ball</i> Santa Ceia da Babilônia	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CULTURA BALLROOM	15
2 CAPÍTULO IDENTITÁRIOS.....	19
2.1 MOTHER MAJESTADE BABILÔNIA.....	21
2.2 BAILE VERMELHO	25
2.3 SANTA CEIA DA BABILÔNIA	35
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Ainda temos poucos estudos que nos permitam determinar especificamente quando se deu o surgimento da cultura *Ballroom*, porém, é possível destacar seus desenvolvimentos e a sua trajetória, além de seus desdobramentos e moldes do movimento. O presente trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa etnográfica com os adeptos dessa cultura e sua comunidade. A cultura *Ballroom* é um estilo de vida e movimento que flui e forma-se mediante as convenções dos bailes de *Drag Queen's* que se iniciam no século XX, a cultura se centraliza nas práticas de performance, competições e estruturas de parentesco com o foco principal político e de acolhimento social. Como afirma Henrique Cintra Santos (2018), a cultura *Ballroom* não nasce apenas para preencher lacunas de entretenimento, mas também, principalmente de criar um espaço seguro para os mesmos, para, com isso, poderem estruturar seus suportes de proteção social mediante aos processos extremos de marginalização.

Minha primeira experiência no mundo *Ballroom* iniciou quando fui em minha primeira *Ball* na capital de São Paulo, no ano de 2019. Eu ainda não conhecia e não sabia o verdadeiro significado daquela festa, foi uma experiência tão marcante, que quis poder conhecer mais sobre essa cultura. Então, foi aí, que comecei a acompanhar algumas contas de pessoas influentes nesse mundo, em 2020 conheci o Campinas Is Burning e me chamou muita atenção por ser na região de São Paulo e como nessa época eu já pensava em pesquisar sobre a cultura *Ballroom*, me empenhei em acompanhar pelas redes todo esse desenvolvimento, a idealizadora do portal de fomento era Majestade Babilônia, achava incrível toda a informação que era compartilhada e imaginava que muitas pessoas ainda não sabiam da existência desse ambiente, que naquele momento para mim estava me despertando uma imensa curiosidade, não se tratava de apenas mais uma festa, mas sim, um lugar de difusão identitária, política e cultural. Logo, decidi que essa seria minha pesquisa, me aprofundar nessas camadas e contribuir para o aprimoramento dessa narrativa na sociedade, destacar essa comunidade em minha pesquisa.

Iniciei entrando em contato com a Majestade, perguntando a opinião dela, se ela achava minha pesquisa pertinente, se iria contribuir para o meio e a cena das *Balls* e se principalmente ela apoiava a construção desse trabalho, sendo a

pessoa e fonte principal do meu estudo, compartilhando suas vivências e todo seu trabalho referente a esse mundo da cultura *Ballroom*. Ela não apenas me incentivou, mas, me ajudou a entender conceitos que eu não sabia, me tencionando mais ainda a me introduzir nessas camadas.

O movimento “Campinas Is Burning”, fomentador da cultura na região de Campinas – SP e a “Casa de Babilônia”, da mesma região, surgidos no ano de 2020 ambos idealizados por Majestade Babilônia, são o enfoque do estudo para a compreensão de como se estabelecem os contatos dentro do próprio grupo e compreender suas produções culturais como fortalecimento identitário, analisando no que consistem essas produções, suas organizações e a preparação da *Ball*. Busca-se entender também qual a função da *House*¹ e estudar como se dá esse contato que vai além de um agrupamento social, se torna algo bem mais profundo, estabelece-se um contato de família.

A metodologia etnográfica e netnográfica que vão ser usadas para o desenvolvimento da pesquisa, contribuindo para o fortalecimento da narrativa dos participantes da *Ball*. A pesquisa se dará a partir de conceitos definidos pelo grupo, retratando a realidade, fugindo de todos os estereótipos externos e com o foco exclusivamente no que o grupo específico tem a expressar.

Desse modo, o verdadeiro significado desta pesquisa é o de tensionar esse conceito da hegemonia² enraizada na cultura e na sociedade e, dentro disso, destacar esse movimento como instigador do fortalecimento identitário desse grupo, possibilitando a representação dessa comunidade, destacando suas produções, que possibilitam o protagonismo dos mesmos em suas realizações culturais.

Para a obtenção de informações mais detalhadas sobre o Campinas Is Burning e a Casa de Babilônia foi utilizada a etnografia como metodologia de pesquisa. Nesse sentido, a etnografia servirá como a principal técnica para a observação e compreensão da *Ball*. Considerando que Campinas Is Burning e a

¹ Tais *Houses* são estruturas parecidas com a de uma família, mas que, ao contrário do que usualmente é projetado de forma normatizadora a partir de uma lógica heteronormativa, essas *Houses* são frutos de ligações sociais que transcendem muito a concepção de uma família formada a partir de um aço matrimonial entre dois indivíduos, ou mais especificamente, um homem e uma mulher. (SANTOS, p. 16, 2018)

² No entender de Gramsci, a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrecosques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. (MORAES, p. 54, 2010)

Casa de Babilônia encontram-se no estado de São Paulo, uma das partes da pesquisa foi realizada também por ferramentas e procedimentos virtuais, ditos como netnografia.

“A netnografia adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por computador: alteração, acessibilidade, anonimato e arquivamento. Os procedimentos incluem planejamento, entrada, coleta de dados, interpretação e adesão a padrões éticos.” (KOZINETS, 2014, p. 60)

Sobre isso, a pesquisa contou com três fases: a primeira do aprofundamento da temática a partir das leituras citadas no referencial teórico e outras que são complementares. A segunda fase se deu a partir do método antropológico da etnografia, realizando entrevistas e vivências com a idealizadora das *Ball's* e a *House* escolhidas para o presente estudo, essa fase é muito importante, pois é nela que será destinado os primeiros contatos com os grupos, para o desenrolar da obtenção de dados e aprimoramento dos primeiros conceitos internos interpretados dentro dessas sociedades. A terceira e última fase é sobre o termo netnográfico, esse modo será para obtenção de dados virtualmente, pelo acompanhamento dado na *cyberweb*, a partir de formulários, encontros virtuais e até mesmo da observação de suas redes sociais. Todas essas fases se complementam e se interseccionam, fortalecendo e desenvolvendo a pesquisa da teoria ao contato presencial e ao contato dentro do espaço virtual. Tratou-se ainda de fazer o exercício de pensar as possibilidades da pesquisa etnográfica para narrar os eventos das produções culturais.

O referencial teórico inicialmente abordará a visão de um produtor cultural, qual o seu papel e as suas performances na cena da produção cultural. Com isso, o autor que será estudado para aprimorar esses conceitos e trazer uma profundidade na área será o Victor Vich (2017), com sua obra “O que é um gestor cultural?”. Esse autor disserta e aponta as compreensões dos fazeres culturais do agente de cultura e como a mesma desempenha um papel importante no cotidiano, mas isso depende também do tratamento que é dado a ela, a cultura deve ser tratada de uma forma que priorize toda a sua potência e esse poder de atrelar suas camadas a seguimentos que modificam as demandas existentes no

social, então, necessariamente a cultura pode ser boa e ruim, mas tudo depende de como a cultura é utilizada e tratada.

Na sequência, para a melhor conceituação da cultura *Ballroom* no território nacional brasileiro, trabalhou-se com a dissertação de mestrado “A transnacionalização da cultura dos *Ballrooms*” de Henrique Cintra Santos, que discute as transformações e os processos de transnacionalização dessa cultura no território brasileiro, retratando desde seu surgimento à suas representações históricas. Foi usado também o documentário “Paris Is Burning” dirigido e escrito por Jennie Livingston que retrata o cotidiano dessa comunidade nos anos 80, onde especificam-se conceitos acerca da cultura *Ball*, das *Houses* e seus membros, o documentário transmite detalhes exclusivos sobre a cena e seu surgimento.

Como a pesquisa procura refletir sobre a função do movimento cultural *Ballroom* e suas produções acerca do fomento e fortalecimento da identidade cultural dessa determinada comunidade e suas contribuições para a visibilidade dos mesmos, essa reflexão se dará a partir dos estudos de compreensão das formas de potencialização das festividades em meio às sociedades.

Pensamos as festividades tal como aborda Rita Amaral (1998), em “Mediações Culturais das festas”, onde destaca conceitos a partir de visões antropológicas sobre as festividades, suas formas de reafirmar sua potência e sua identidade cultural perante o social. O estudo de Amaral é importante no trabalho, pois se destaca a visão antropológica na hora da elaboração da pesquisa, pensar antropológicamente para obter informações que fujam dos conceitos generalizados externamente para poder se envolver mais ainda nas descobertas que percorreram o aprofundamento da temática.

Com isso, inicio posteriormente com meu primeiro capítulo, “Cultura *Ballroom*”, que primordialmente abordará uma contextualização mais aprofundada sobre o que é essa cultura e como se findou. O segundo capítulo “Capítulos Identitários” que foi dividido em 3 subcapítulos: o primeiro que abordará sobre a Majestade Babilônia, o segundo é uma análise da *Ball* - Baile vermelho e o último sobre a Santa Ceia da Babilônia, que serão aprofundadas e discutidas mais questões sobre a Casa de Babilônia; e no último capítulo “Considerações Finais”, será a parte de encerramento e também para trazer levantamentos

pertinentes pós pesquisa, pensamentos que foram trabalhados, refletidos e concluídos ou não na pesquisa.

1 CULTURA BALLROOM

Em “A Cultura no mundo líquido moderno” de Zygmunt Bauman (2011), o autor aborda e discute sobre a segurança e liberdade, como ambas são dependentes e divergentes, porém, se tornam extremamente excludentes. A necessidade da segurança em busca de um apoio social, de sentir-se pertencente a determinado grupo, junto a liberdade e a demanda de autonomia, de distinguir-se da massa, o senso de individualidade e independência. Essa discussão inicial revela as ideias principais deste capítulo, aprofunda-se na relação de como os indivíduos procuram a segurança nas relações, e acolhimento social em determinados grupos, mas também se observa a demanda de liberdade e independência, de pensar e ser diferente da massa, nadando contra a correnteza e se aprofundando cada vez mais nas ações contra-hegemônicas.

“Gramsci (1999, p. 314-315) situa as ações contra-hegemônicas como “instrumentos para criar uma nova forma ético-política”, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista. A contra-hegemonia institui o contraditório e a tensão no que até então parecia uníssono e estável. Gramsci nos faz ver que a hegemonia não é uma construção monolítica, e sim o resultado das medições de forças entre blocos de classes em dado contexto histórico. Pode ser reelaborada, revertida e modificada, em um longo processo de lutas, contestações e vitórias cumulativas.” (MORAES, p. 73, 2010)

Determinados grupos que já se encontram nessa zona de exclusão e dentro dessa própria rejeição encontram sua liberdade, de se reconhecerem e lutarem para construir uma nova hegemonia³, o surgimento da identidade cultural individual e posteriormente coletiva. Mas também o desejo de pertencimento, de encontrar-se perante suas singularidades a um coletivo, que abraça suas ideias e suas demandas de representação social.

³ A possibilidade de construir uma nova hegemonia modifica a dinâmica da atuação política, porque se admite que outros interesses que não os do Estado (em sentido restrito) e da classe dominante se movimentam na sociedade civil atrás de ressonância e aceitação. Entre estes interesses estão os das classes subalternas e frações dissidentes da burguesia (ou da pequena burguesia) que com elas se solidarizam e se aliam no enfrentamento das classes dominantes e dirigentes. (MORAES, p. 73, 2010)

A cultura *Ballroom* surge não apenas no foco de possibilitar uma zona de segurança e um estilo de vida para a comunidade LGBT⁴, mas, de trazer liberdade social e identidade cultural a esses indivíduos, contribuindo para o fomento e estruturação desse movimento preenchendo as demandas socioafetivas desse determinado grupo que foram impostos nessa categoria marginalizada.

Lawrence (2011), aponta o início dos surgimentos dos bailes voltados especificamente para os grupos LGBT, já no século XIX, onde particularmente se enxergava as práticas de conceito Drag Queen. Assim, a partir do século XX, muitos desses bailes começaram a se perpetuar e iniciou-se uma forte influência enraizada nos subúrbios de Nova York, especificamente no bairro do Harlem. Essas ações culturais também serviam para tensionar estigmas que estavam enraizados historicamente, conforme todas as políticas de “higienização”⁵, que tentavam impossibilitar as práticas conceituadas homossexuais e restringir os bailes ligados ao grupo. Um dos maiores exemplos desse marco dos movimentos de liberação da comunidade LGBT, destaca-se a rebelião histórica (Stonewall)⁶ de 1969, que teve a participação de alguns membros ligados à cultura *Ballroom*.

Na década de 1960 esses mesmos bailes começaram a caminhar para o molde da cultura do *Ballroom*, pois se observava a falta de representação da comunidade negra nesses locais, como já abordava Hughes (1993), as competições se davam majoritariamente pela branquitude, então, para os participantes negros conseguirem ganhar algumas categorias nos bailes, deveriam se “branquear” e se “moldar” a padronização hegemônica. Foi dentro desse contexto de luta pelos espaços LGBT, que também surgiu a necessidade

⁴ A sigla LGBT atualmente é utilizada pelos ativistas com a finalidade de promover a visibilidade lésbica, sendo que essa sigla pode sofrer alterações de acordo com o contexto político e regional. Respeitando as pautas de luta do movimento dos ativistas, neste trabalho, será adotada a sigla LGBT (Facchini & França, 2009, p.63).

⁵ É na cidade de São Paulo que emerge a denominada “Operação Tarântula”, cujo objetivo principal era a perseguição a travestis na cidade como política de combate à Aids. Tal operação eclode em um contexto em que as instituições eram convocadas para dar uma resposta à epidemia – “a operação foi apenas uma das respostas institucionais circunscrita num circuito de atos e efeitos com ramificações mais amplas e igualmente perversas”. (VIDAL, p. 57, 2020)

⁶ A rebelião de Stonewall foi uma sequência de manifestações de membros da comunidade LGBT contra invasões da polícia de Nova York, que ocorreu em 1969, no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Manhattan (Estados Unidos). Essa rebelião foi considerada como o evento mais importante que levou ao movimento moderno de libertação gay e à luta pelos direitos LGBT no país. (PERRONI et al, 2019).

de destacar a figura do negro na sociedade, sendo assim, iniciaram-se as realizações dos bailes organizados pela própria comunidade negra, para o protagonismo dos mesmos, que sobre todo esse processo de transformações tornou-se a cultura do *Ballroom* que conhecemos contemporaneamente.

“Deve-se, neste momento, explicitar aquilo que se entende como a cultura dos Ballrooms. Segundo Bailey (2013), três elementos essenciais estruturam aquilo que se chamaria como a cultura dos Ballrooms: o sistema de gênero, a estrutura de parentesco (as Houses) e os eventos de competição (Balls) em que uma série de performances ritualizadas são realizadas. Tal estrutura justifica a escolha feita aqui de se chamar toda essa dinâmica como a cultura dos Ballrooms, já que, segundo seus participantes, os Ballrooms são muito mais do que as competições, mas sim um estilo de vida.” (SANTOS, p. 16, 2018)

Sendo assim, surge não apenas como mais um espaço para o entretenimento destinado a esses grupos, mas, o que realmente importava era existir um local contra hegemônico, de acolhimento, criação e difusão cultural, visando o fortalecimento das estruturas de proteção e desenvolvimento para essas determinadas comunidades que viviam e ainda vivem nos processos de marginalização e exclusão social que se ocasiona as diferentes necessidades do surgimento das *Ball's*. Esses bailes, que são vistos pela sociedade apenas como uma ferramenta de festividade, se tornaram um acontecimento mais profundo, algo que libertaria esse grupo de suas frustrações cotidianas, com uma função mais importante: de revigorar suas forças para poderem enfrentar todas as problemáticas ocasionadas pelas regras sociais, que impõem até hoje determinados padrões e estilos de vida hegemônicos.

À vista disso, começo a apresentação do movimento de fomento da cultura *Ballroom* na região de Campinas em São Paulo, o Campinas Is Burning. É uma página de compartilhamentos de informações sobre essa determinada cultura em Campinas e região, incluindo, até mesmo, a cidade de São Paulo, mas com o foco principalmente na cena de Campinas, que se encontra no interior do estado, a página surgiu no mês de abril de 2020, durante a pandemia, unicamente no Instagram, foi idealizado pela DJ e Produtora Majestade Babilônia, que desde sua adolescência já trabalhava na igreja com produção cultural. Em janeiro de 2020, foi em sua primeira *Ball - Ball* da Visibilidade Trans – e foi nesse momento que se sentiu conectada com a cena, então, com o tempo notou uma certa desinformação e invisibilidade sobre a cultura na cidade, viu

que era limitada e até mesmo, não muito bem administrada, então, perante o exposto enxergou a necessidade de existir uma página para contribuir para o fomento das *balls* e de sua cultura nessa região e desse modo proveu-se o surgimento do Campinas is Burning.

Por conseguinte, em janeiro de 2021 nasce a Casa de Babilônia com sua finalidade principal de acolhimento relativamente a cultura *Ballroom* e além de tal propósito, acabou sendo mais que uma *house* inserida na cena, mas sim, uma família com múltiplos significados; uma casa de Axé e uma casa *Ballroom*. A idealizadora e Mãe (*Mother*) da *House* é a Majestade Babilônia e atualmente a casa conta com 25 membros.

2 CAPÍTULO IDENTITÁRIOS

Pensar à necessidade e importância de identificação⁷, acolhimento e representação é muito importante, para poder entender como a cultura possibilita diferentes formas de tocar o sensível e despertar vários eus⁸ que ainda não haviam sido despertados, mas sempre estiveram ali escondidos e em anseio por liberdade. Tal liberdade de encontrar-se e sentir o diferencial que esteve reservado ali dentro, esse dissemelhante que tornará tudo mais divergente do que já possa ser, aquele que vai além da dor da exclusão, mas também uma ressignificação dessa dor que surge em meio ao intermédio da descoberta e aceitação do seu próprio ser.

Quando somos jovens e estamos iniciando o processo de desenvolvimento de nossa identidade, tudo o que chega aos nossos ouvidos são ensinamentos que nos levam e tentam influenciar à conceitos determinados a padronização da sociedade, ao que é “normal” e “aceito” perante a massa. Então, nesse momento, quando enxergamos nossas diferenças florescendo, tentamos corta-las pela raiz, pois, tudo o que aprendemos é que muitas dessas diferenças são profanas e promiscuas e que, não são parte do padrão idealizado e que automaticamente também, não devem fazer parte de nós. Mas o que acontece quando nós somos tudo aquilo que eles enxergam como pecaminoso? Será que pecamos ao aceitar quem realmente somos? Ou cometemos um pecado a nós mesmos quando ignoramos nossa própria existência por conta de padrões impostos a nossas vidas?

A presente pesquisa, se encontra nesses atravessamentos, de despertar a reflexão acerca do movimento das *balls* e sua grande influência direta com o desenvolvimento de identidade social e cultural dos que se identificam e

⁷ É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato - e eu gostaria de remeter aí ao livro de Philippe Joutard sobre os camisards -, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (POLLAK, p. 201, 1992).

⁸ Na vida política, no trabalho, nos arranjos domésticos e conjugais, no consumo, no mercado, na publicidade, na televisão e no cinema, no complexo jurídico e nas práticas da polícia, nos aparatos da medicina e da saúde, os seres humanos são interpelados, representados e influenciados como se fossem eus de um tipo particular: imbuídos de uma subjetividade individualizada, motivados por ansiedades e aspirações a respeito de sua auto-realização, comprometidos a encontrar suas verdadeiras identidades e a maximizar a autêntica expressão dessas identidades em seus estilos de vida. (ROSE, p. 139, 2001)

pertencem a essa comunidade. Tornando parte de algo novo, quebrando as camadas da hegemonia existentes na sociedade e descobrindo outras formas de ser e viver, formas nas quais muitas das vezes são extremamente marginalizadas.

A cultura *Ballroom* reflete e interpreta esse papel sensível de identificação e instiga as estruturas das relações, possibilitando o acolhimento entre os membros de sua comunidade. Nesse sentido, o principal foco do surgimento das *Balls*, era de se existir um local contra hegemônico, de acolhimento, criação e difusão cultural, para o fortalecimento das estruturas de proteção e desenvolvimento para essas determinadas comunidades que viviam e ainda vivem nos processos de marginalização e exclusão social.

Esses bailes, que genericamente são muitas das vezes analisados pela sociedade, como apenas mais uma ferramenta de festividade desses indivíduos, se tornaram um acontecimento mais profundo, algo que libertaria esse grupo de suas frustrações cotidianas. Como cita AMARAL (1998):

“Disto resulta que a festa deixa de ser “inútil” e passa a ter uma “função”, pois ao fim de cada cerimonia, de cada festa, os indivíduos voltariam à “vida cotidiana” com mais coragem e disposição. A festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de “energia”, de disposição para continuar, seja pela resignação, ao perceber que o caos se instauraria sem as regras sociais, seja pela esperança de que um dia, finalmente, o mundo será livre (como a festa pretende ser durante seu tempo de duração) das amarras que as regras sociais impõem aos indivíduos.” (AMARAL, 1998, p.14)

De acordo com Rita Amaral (1998), pode ser abordada a reflexão desse movimento e festividade da cultura *Ballroom* em comparativo com as cerimônias ritualísticas, onde majoritariamente seus membros frequentam esses espaços em busca de acolhimento, pertencimento e identificação seja ela individual ou cultural, onde naquele momento de cerimônia se encontram longe da realidade de suas problemáticas.

Levando em contextualização a *Ballroom*, após suas cerimônias (*balls*) a sua comunidade frequentadora voltaria para seus cotidianos revigorados, reestabelecidos de energia, na qual, os impulsionariam a seguir e ressignificar sua realidade. Quando aqui destaco a ideia de acolhimento, identificação e pertencimento, também podemos relacionar essa ideia perante as festas e as cerimônias, pois, quando seus membros estão presentes nesses rituais, ambos

deixam de lado o domínio individual e logo começam a ser dominados pela coletividade, nota-se o impulsionamento referente ao senso de coletividade, de pertencimento a algo mais significativo, que vai além da cerimônia (*balls*), se torna um contato acolhedor, onde ali, também, são compartilhadas as vontades do anseio do grupo, reafirmam suas crenças e maneiras de viver em meio a realidade que vivem e o que querem mudar perante a isso, como explica Rita Amaral:

No divertimento em grupo, do mesmo modo que na religião, o indivíduo "desaparece" no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo. Nesses momentos, apesar ou por causa das transgressões, são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tomam possível a vida em sociedade. Ou seja, o grupo revigora "periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais". (AMARAL, 1998, p.14)

Para dar continuidade e introduzir sobre a pessoa que me possibilitou falar sobre ela e poder escrever sobre suas vivências, fora e dentro da cultura *Ballroom*, o próximo capítulo começa inaugurando com a apresentação de uma mulher que é potência, amor, determinação e em encontro disso, também é mãe!

2.1 MOTHER MAJESTADE BABILÔNIA

Neste capítulo iremos contextualizar a trajetória de Majestade Babilônia, que nasceu em 03 de março de 1998 na cidade de Campinas – SP, atualmente é DJ e produtora e um dos principais nomes responsáveis pelo fomento da cultura *Ballroom* na cidade de Campinas – SP.

Conforme conversa com Majestade, que ocorreu no dia 07 de dezembro de 2022, ela diz que antes de sua transição de gênero, fazia parte de uma igreja, na qual não se sentia pertencente a comunidade que lhe acolhia, que lhe representasse, na realidade ela se sentia totalmente fora daquele cotidiano, estar presente naquele ambiente já não era algo que para ela fazia sentido. Perante isso, decidiu sair desse espaço, que para ela já não estava permitindo-lhe ter autonomia de ser quem almejava ser. Durante essa saída, sentiu-se com muitos pensamentos duvidosos do que iria fazer dali para frente, pois a igreja era tudo o que “era”, seus primeiros conceitos se deram nesse ambiente, suas primeiras produções nasceram ali, então, nesse momento de sua vida sentia a dúvida do que estava prestes a encontrar.

Então, no dia 29 de janeiro de 2020, na *Ball* da Visibilidade Trans foi quando teve seu primeiro contato com a cena da cultura *Ballroom*, que ela se identificou e nesse encontro, foram florescendo suas primeiras raízes de representação, potencialização e real acolhimento, descobrindo novas camadas, novos caminhos e novos modos de viver, no qual se sentia feliz e entusiasmada em fazer parte. Conforme Majestade, aquele lugar havia despertado o encontro com seu verdadeiro eu, aquele que estava reprimido, perdido lá no fundo, esse eu desabrochou quando realmente conseguiu se sentir em casa, em um lugar que haviam representações e foi ali, que verdadeiramente começou a se enxergar a verdadeira Majestade Babilônia. Como a mesma cita em uma entrevista:

“Lembro que foi a primeira vez que pude vestir algo fora dos padrões, porque eu tinha acabado de me assumir quanto gay, fui de salto, fui de cropped, fui com uma calça mais feminina e foi muito legal chegar ali e me sentir à vontade. Fiquei meio que sozinha, porque eu não conhecia as pessoas ainda, então fiquei entendendo como funcionava, vendo quanto era incrível o vogue que tanto vemos nas redes sociais na minha frente, presencial do nosso lado e ver todo esse empoderamento especialmente porque era uma ball para pessoas trans, para as travestis sabe, então vi todas as travestis ali se divertindo, isso fez com que eu me vesse nelas e foi a partir daí que venho minha transição, estando com essas travestis, sendo acolhida por elas também.”
(BABILÔNIA, entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa. Google Meet – 07 de dezembro de 2022)

Considerando sua narrativa, pode-se dizer que Majestade havia realmente encontrado seu caminho, seu verdadeiro propósito, aquilo que ela também precisava: de uma rede de segurança para poder ser quem queria, onde não seria reprimida e nem julgada. Ao decorrer desse encontro com a cena, a mesma começou a se aprofundar mais ainda no movimento, logo já estava fazendo parte e conhecendo outras pessoas do meio, conhecendo outras houses e foi onde sentiu à vontade e necessidade de criar o Campinas Is Burning.

Como já dissemos, o Campinas surgiu em 2020, no sentido de poder trazer o fomento da cultura e da cena *Ballroom* na região de Campinas – SP e em janeiro de 2021 nasce também a Casa de Babilônia, que atualmente contém mais de 25 membros. O nome da house é a uma ressignificação, o significado de Babilônia para a comunidade religiosa cristã era de um lugar onde habitava os pecadores, aqueles que não faziam parte de Jerusalém, onde estavam os corpos dissidentes. Foi na Babilônia que Majestade se encontrou e fortificou seus

laços, onde criou morada, onde decidiu ter uma família e era onde também queria que seus filhos estivessem, um lugar no qual poderiam ser aceitos, como realmente são.

Nas conversas com Majestade, é possível observar que o fato de poder criar as *balls*, realizar essas produções deu outro significado para sua vida, já não se sentia naquela dúvida do que iria fazer após a saída da igreja, já sabia o que queria fazer e como fazer, havia encontrado uma salvação que não encontrará na igreja. O *Ballroom* foi essa salvação e segue salvando diversas pessoas de suas dúvidas e suas amarras cotidianas, possibilitando outras possibilidades de ser útil, de poder contribuir com a felicidade de outros, de encontrar uma comunidade que te assegure uma representação e empatia cotidiana, de viver na pele, de sentir o que ambos vivenciam diariamente, sentir o apoio de pessoas que se identificam com suas ideologias e que também estão ali por um motivo: nunca fizeram parte de Jerusalém.

Então, Majestade traz também em sua fala esse momento. Esse grandioso momento em que havia se tornado útil para algo além daquilo que havia conhecido em sua primeira *ball*, agora a mesma estaria possibilitando oportunidades de outras pessoas encontrarem seu verdadeiro eu nas *balls* que segue produzindo, como diz em:

“Quando eu sai da igreja a pergunta que eu me fiz foi “E agora o que eu vou fazer?”, então ver que eu podia e que eu era capaz de produzir Balls foi minha salvação, então, Ballroom também é salvação, Ballroom te traz possibilidades de ser útil. Foi daí quando surgiu todo esse fogo no meu coração, ver o quanto as pessoas gostam, ver o quanto as travas são acolhidas, são contempladas, porque é uma cultura de travesti. Toda a minha chegada de poder ser o que eu sou e poder me descobrir a partir disso e poder também ter esse coração quentinho, de ver as pessoas felizes, curtindo, caminhando e resumindo de estar, é motivar e ser motivada.” (BABILÔNIA, entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa. Google Meet – 07 de dezembro de 2022)

Posteriormente, ao iniciar sua jornada nas produções culturais acerca do movimento *Ballroom*, encontrou uma enorme dificuldade para conseguir patrocínios, não se tem muitos editais de fomento, pois também é nitidamente escancarada toda a discriminação que essa cultura sofre, assim como outros movimentos culturais originários da comunidade negra e LGBT. Como sabemos, no Brasil é muito difícil viver de cultura e é pior ainda quando se falamos de

culturas marginalizadas, os patrocínios são poucos, é um cenário totalmente diferente das culturas hegemônicas, que seguem intactas e caminham cotidianamente nos olhos dos patrocinadores que querem investir em cultura. A reflexão de descentralizar esses olhares para cultura, para pensar além do que vemos nos grandes museus e espaços culturais e primordialmente no fomento de criações artísticas do gueto e dar voz e palco para os mesmos.

Majestade Babilônia iniciou suas produções das *Balls* remotamente no contexto pandêmico, com toda a facilidade dos meios virtuais que possibilitam uma maior diversidade de ferramentas, nas quais preenchem a maioria das demandas existentes no ambiente virtual. Mas, no decorrer do tempo, a situação da pandemia foi caminhando para uma nova fase, onde já era permitido realizar eventos abertos, então foi aí que realmente começou a idealizar as *Balls* presenciais na cidade de Campinas. Esse começo foi bem difícil, pois não havia nenhum tipo de recurso ou patrocínio, as *Balls* eram realizadas com produção própria. Majestade tirava do seu próprio dinheiro para poder fazer toda a cerimônia acontecer, como as passagens dos jurados para irem e voltarem tranquilamente e sem a oferta de cachê. Tudo era feito pela própria vontade de realmente possibilitar esse lugar para as pessoas, com afeto, amor e movimento da cena.

Majestade em entrevista (2022) aponta que em 2022 uniu-se ao Coletivo Bicuda, onde performa e também é Dj e, foi a partir desse coletivo, que recebeu grande parte dos recursos para realizar as *Balls*, como o próprio lugar físico para os eventos. Então, com esse lugar físico disponibilizado, impulsionou bastante para o desenvolvimento e crescimento das produções das *Balls* e com o meio da cobrança de entradas para o público, conseguiu mais recursos e cobrir os gastos sem precisar tirar do seu bolso. Atualmente fechou um patrocínio com a Absolut Brasil conseguindo suprir mais ainda sua rede e seus gastos, já podendo pagar o cachê de seus convidados e possibilitar um evento bem estruturado.

Com conhecimentos obtidos sobre estudos na área da produção cultural, que é um dos principais autores citado nas referências deste presente trabalho: Victor Vich (2017). Foi realizada uma análise do evento, nas redes sociais e também através do *youtube*, em relação a estrutura, curadoria, programação e marketing. Contudo, destaca-se o forte entrosamento do movimento das *balls* em Campinas, em reflexo a atividades e acontecimentos históricos, como em

mais destaque: a área política. Para além de um evento pensado primeiramente no acolhimento e empoderamento de seu público, nota-se a grande relevância das *balls* em debates mais profundos, de cunho social, pois se entende que todas essas camadas se conectam e também para motivar os seus membros a se engajarem politicamente. Esse engajamento é importante, visto os desencadeamentos das lutas dos movimentos de negritude e LGBT, que se dão majoritariamente por falta de procedimentos políticos para as exigências das demandas sociais existentes, e é de extrema importância o conhecimento e inserção desse público alvo nos debates que refletem a respeito de seus modos de vidas. Então não é apenas realizar um evento de boa estrutura, boas músicas, bons patrocinadores, mas também de idealizar um lugar de inserção e debate, onde acerca do entretenimento também possa possibilitar a inclusão da comunicação de propostas socialmente importantes.

2.2 BAILE VERMELHO

O evento surge através da demanda de atrelar debates sociais ao seu público, com isso, foi realizada uma análise especialmente do evento Baile Vermelho, idealizado e organizado por Majestade (Campinas is Burning e o Coletivo Bicuda), na data de 22 de outubro de 2022, mesmo mês que ocorria as eleições presidenciais no Brasil, onde o presidente da época Jair Messias Bolsonaro estava disputando o segundo turno das eleições e sua reeleição com o ex-presidente e candidato Luiz Inácio Lula da Silva, que ocorreria no dia 30 de outubro.

Essa *ball* foi pensada totalmente nesse ato histórico, em razão de que o período presidencial de Jair Bolsonaro foi um dos mais marcantes pelos atos de cunho fascista vindos do governo, foram muitos sucateamentos e retrocessos políticos onde houveram diferentes ataques a cultura e aos direitos humanos, logo, todos esses episódios fomentaram para a elaboração de um evento totalmente dedicado a incentivar a campanha do ex presidente Lula, que quando exerceu a presidência no período de janeiro de 2003 à janeiro de 2011 estimulou o impulsionamento da cultura no Brasil e sua diversidade, também desenvolveu e favoreceu diversas leis de incentivo aos direitos humanos, contribuindo para o destaque e fortalecimento de diversos grupos vistos como “minorias” que são diariamente marginalizados e invisibilizados pela categoria elitizada. O evento e

sua cerimônia resgatam todo um apanhado histórico em suas categorias, sobre as quais irei decorrer na sequência, desde o golpe militar que resultou na ditadura, até o período atual em que estavam vivendo, com todos os manifestos fascistas do governo daquele período.

As categorias foram inspiradas nessa época, como uma forma de protesto contra todos os ataques fascistas do governo e no intuito de esperança para um governo melhor e mais democrático, o vermelho então significa a campanha do candidato e ex presidente Lula, que faz parte do Partido dos Trabalhadores – PT, partido no qual é representado por uma estrela vermelha.

No total foram 13 categorias de performance, ambas destacando *look's*, com *dresscode's* selecionados especialmente para a competição, leva-se em consideração a apresentação total da proposta, as avaliações dão por múltiplos fatores e para além disso, se torna uma grande celebração, celebrar a esperança de poder realizar um evento que conte essa narrativa e que de certa forma retire isso da realidade e insere em outro lugar, em um ambiente que também abraça o real, mas de um modo contraditório, que não impede os membros da *ball* de serem e imaginarem-se quem podem ser e isso não se limita apenas na vestimenta, mas na entrega total do papel que é exigido nas seguintes categorias, que conseqüentemente contam uma história e insere esses corpos em lugares e ambientes que nunca estiverem presentes por resultado de vários problemas sociais, como todos os processos de exclusão e marginalização das comunidades negras e LGBT.

A figura 1 apresenta o poster de divulgação do evento retirada da conta de Instagram do Campinas is Burning:

Figura 1 - Capa de divulgação Baile Vermelho



Fonte: Instagram Campinas Is Burning

Em suas três primeiras categorias (American & European Runaway, Best Dressed e Femme Queen & Transmasc Realness) o Baile Vermelho aborda diferentes performatividades, todas com uma representação para interpretação do papel.

Como em American & European Runaway - Poder no Planalto, que a proposta é de passar uma vivência fictícia de sua suposta posse no planalto, como se a pessoa que estivesse competindo realmente estivesse vivendo a obtenção de sua posse na presidência. Qual look usaria? Qual causa representa e o que defende para o Brasil? Todos esses questionamentos são levantados, para poder entender, o que passa na cabeça do próprio público alvo das *Balls*, quais suas queixas diante o governo do Bolsonaro. Ressalta-se que esses espaços são da elite e que no Brasil nunca se houve um presidente(a) negro ou LGBT, ambas as comunidades foram totalmente excluídas dessas posições de liderança e hoje exigem que seus corpos sejam visualizados e contemplados por avanços sociais e políticos. Mas para tudo isso ocorrer, como se vestirá?

A Categoria Best Dressed – Dia da Eleição, conta com esse foco, de enxergar como a votação é importante e é gozo dos direitos civis e políticos de um estado livre, essa categoria é ótima para focalizar, na seriedade da votação consciente, de como os votos são totalmente relevantes para a decisão de um país, que nossas escolhas políticas envolvem uma sociedade, que deve-se estudar sobre os candidatos, para futuramente não ocorrer decepções e conflitos por conta de uma decisão que primeiramente é individual, mas os atravessamentos englobam e interligam essas decisões.

A Femme Queen e Transmasc Realness – Eleições 2042, é a categoria que destaca uma das maiores problemáticas existentes, ou seja, o grande déficit da falta desses corpos em locais e posições de poder, onde é muito rara a sobrevivência desses corpos contra hegemônicos.

A figura 2 que também foi retirada do Instagram do Campinas Is Burning apresenta essas primeiras categorias da *Ball*:

Figura 2 - Categorias Baile Vermelho

★

american & european runway

POSSE NO PLANALTO. É DIA 01 DE JANEIRO, DIA DA SUA POSSE NO PLANALTO & QUAL LOOK VOCÊ VAI USAR? QUAL CAUSA VOCÊ REPRESENTA PARA O NOSSO BRASIL? VENHA COM O MELHOR LOOK SOCIAL PARA ASSUMIR SEU LUGAR!

best dressed

DIA DA ELEIÇÃO CHEGOU O DIA DE VOTARMOS. MOSTRE PRA NÓS O SEU MELHOR LOOK, COM A MELHOR COSTURA Y MELHOR PANO PARA ESTAR POR TRÁS DA CABINE APERTANDO 13 PARA PRESIDENTE. NESTA CATEGORIA, A COR VERMELHA É OBRIGATORIA!

femme queen & transmasc realness

ELEIÇÕES 2042 20 ANOS SE PASSAM, QUEREMOS TRAVESTIS Y TRANSMASCULINOS NO PODER REPRESENTANDO OS CORPOS TRANSVESTIGÊNERES. TRAGA SUA FAIXA PRESIDENCIAL, SE REINVENTE Y TRAGA SUA REALIDADE NO BAILE PARA CONVENCER CADA JURADE. MONTE SUA ENTRADA COM PERFORMANCE!

BICUDA burning ABSOLUT.

Fonte: Instagram Campinas Is Burning

A figura 3 - apresenta as seguintes categorias (Tag Team Sex Siren, Samba no pé e Batalha de megão) também focam em problemáticas de inserção social, na exclusão e deslocamento dos corpos marginalizados, que no atual período da época foram fortemente prejudicados e invisibilizados.

A categoria Tag Team Sex Sirem – Censura, põe em evidência todas as amarras da censura e suas formas de silenciamento, que refletem totalmente na marginalização desses corpos e de suas vivências, que oprimem e omitem a realidade dessa comunidade. A importância dessa categoria é explicitamente relevante, pois é um grito de repúdio à censura e todas suas estratégias pensadas para calar as vozes contra hegemônicas, que, conseqüentemente, põem em destaque suas próprias bagagens históricas das origens dessa opressão social, que, infelizmente, ainda seguem presentes.

Já a categoria Samba no Pé – Carnaval Vermelho, destaca a cultura do carnaval que também, inicialmente, foi um movimento que sofreu muitas ameaças da elite, era uma categoria totalmente marginalizada socialmente, pois, conhecidamente da mesma forma que a cultura *Ballroom*, nasceu e constituiu-se na zona periférica e pela comunidade negra. Porém, quando houve a glamourização capitalista do samba e do carnaval esse movimento acabou sendo enquadrado na sociedade. Logo, um objeto que surge na favela a partir de corpos excluídos incomoda a hegemonia, mas quando esse mesmo objeto possibilita algum tipo de favorecimento à elite, eles já demonstram um certo interesse de caráter capitalista, decorrente disso essa categoria vem para essa contemplação do carnaval e toda sua fundamentação na cultura brasileira.

De acordo com tudo isso, a categoria Batalha de Mega – Salve a Periferia bem como as outras duas, comemoram e fomentam todas as conquistas da favela, a periferia é então colocada nessa zona de destaque, um lugar que a classe elitizada sempre esteve ocupando e também fizeram de tudo para impossibilitar o crescimento e desenvolvimento da comunidade, mas a favela venceu. Como cita o cantor e compositor Don L em sua letra de música Favela Venceu:

“A gente é o que a gente tem que ser
A gente é respeito eles têm medo
A gente é saber chegar e sair desde cedo
Eles são vacilação e nós disciplina
Eles deixam furo nós sapatinho

Mas tá todo mundo vendo
 Tão acostumado a ganhar sempre
 Pra gente nada é fácil nunca
 A gente num ganha a gente vence
 A gente é comunidade junta
 A gente é mutirão em dias ruins (bora que bora!)
 Bailão em dias bons
 A gente é trabalho e faculdade
 Eles são coach de virgindade em meia idade.”
 (DON L, 2021, Faixa 9)

Figura 3 - Categorias Baile Vermelho

★

**tag team
sex siren**

CENSURA
 NOSSOS CORPOS AINDA SÃO MARGINALIZADOS PELA SOCIEDADE EM SI. EM DUPLA, A CENSURA JAMAIS VENCERÁ A IMPORTÂNCIA DO NOSSO CORPO SEXY & DISSIDENTE. SEUS 10'S Y BATALHAS DEVERÃO SER FEITOS JUNTES; **CONEXÃO** SERÁ PRIMORDIAL NESTA CATEGORIA!

**samba
no pé**

CARNAVAL VERMELHO
 O CARNAVAL É UM MOMENTO ESPECIAL EM NOSSO PAÍS, FUNDAMENTO BRASILEIRO! VESTE SEU **LOOK VERMELHO** PARA DANÇAR EM FRENTE À BATERIA Y SERVE SEUS MELHORES PASSOS NO NOSSO CARNAVAL VERMELHO!

**batalha
de
megão**

SALVE A PERIFERIA
 ASSIM COMO O CARNAVAL, NÃO PODEMOS DEIXAR DE LADO A PERIFERIA Y NOSSO FUNKÃO, GÊNERO PRESENTE NAS NOSSAS FESTAS, BAILES & DIA-A-DIA. O MEGÃO TEM TOMADO CONTA NO MEIO DOS FUNKS BOLHA, TUIN Y ASSOBIOS, ENTÃO VEM COM SUA MELHOR COREOGRAFIA DE MEGÃO AO SOM DO MANDELÃO TOCANDO A MILHÃO!

BICUDA burning ABSOLUT.

Fonte: Instagram Campinas Is Burning

Agora na figura 4 com as categorias (Comm x Comm, Hands with a prop e Baby Vogue), discute-se sobre ideias especialmente voltadas para se protestar contra o regime militar e também de um resgate histórico do período exercido por Lula na presidência de 2003 a 2011.

Com Comm x Comm – Voz no Protesto, é uma categoria idealizada com o intuito de realmente pôr para fora todos os argumentos, desapontamentos e desfavorecimentos que o governo de Jair Bolsonaro estava trazendo para a

comunidade, um grito contra o bolsonarismo, contra seu fascismo e suas formas de tentar silenciar os oprimidos.

Hands With a Prop – Contra o Militarismo, da continuidade a esse grito, esbanjando total reprovação e oposição a milícia, ao seu regime totalitarista e opressor, que nos anos de chumbo (ditadura militar), marcaram historicamente um golpe contra a democracia e aos direitos humanos, matando e torturando milhares de cidadãos.

A Baby Vogue – Escola de 2003, relembra como a educação era valorizada pelo governo de Lula, onde foram inauguradas muitas Universidades Públicas e de qualidade para preencher as demandas na educação, era nítida a preocupação com as políticas públicas para os estudantes, com escolas e ensino de qualidade, possibilitando que muitas pessoas de classe baixa pudessem ter acesso ao ensino superior e ter uma assistência de permanência a esses locais que sempre foram ocupados pela classe alta, o foco e desenvolvimento na educação é o primordial da comemoração e interpretação que se exige nessa categoria, pois nota-se que durante o governo bolsonarista, as escolas públicas de ensino básico e superior sofreram muitos cortes e ameaças, sendo assim invalidando toda uma construção no passado, para que o pobre, que não tem condições de pagar por sua educação, também consiga se formar e se especializar com excelência.

Figura 4 - Categorias Baile Vermelho



Fonte: Instagram Campinas Is Burning

Posteriormente, na figura 5, estão presentes as categorias (Old Way e New Way), onde é realizado uma grande mobilização de protesto contra os golpes à democracia brasileira, como o golpe militar em de 1964 e o golpe em 2016 à Presidenta Dilma. A Old Way – Contra a Ditadura é uma categoria de movimento e marcha contra a ditadura militar, período em que esses corpos dissidentes sofreram muitas opressões, foram extremamente marginalizados e conseqüentemente mortos.

A New Way também é um momento importante, de resgatar essa memória de que esses golpes são reais e existiram e que não devem ser visibilizados, pois, se não são comentados, não são lembrados, a alienação e censura se encarregam de tentar ao máximo colocar em baixo do tapete todos esses ocorridos, tem muitas pessoas que ainda não tem conhecimentos mais profundos sobre esses golpes, de como a ditadura foi violenta, de como o país sofreu decorrente desses ocorridos. Então ambas categorias abordam e

colocam em destaque a oposição a essa cultura ditatorial fascista e seus golpes diante da democracia.

Figura 5 - Categorias Baile Vermelho



Fonte: Instagram Campinas Is Burning

Em seguida, na figura 6, temos as categorias (Soft x Drama e Vogue like a Legend), que é um espaço e um momento especial, no qual é nitidamente clara a posição dos membros da cultura *Ballroom*. Soft x Drama, é onde declaram o fora ao governo genocida de Bolsonaro, deixam claro seus descontentamentos e seus motivos de não apoiar um governo que matou milhares de pessoas na pandemia, que cortou investimentos a saúde e educação, que ocasionou um retrocesso histórico as políticas culturais e similarmente as políticas de direitos humanos.

Período em que a comunidade negra foi extremamente marginalizada, a comunidade LGBT desrespeitada e vista como má influência perante os jovens,

como estilos de vida explícitos e sem valor nenhum, onde as comunidades indígenas sofrem duramente ataques à suas terras por invasões de garimpeiros, ocasionando queimadas e mortes de dezenas de indígenas diariamente, esse governo que usou da censura para tentar esconder todos os seus trâmites de golpe político, em que a vida das “minorias” que não é nenhuma minoria em nosso país, não importava, mas sim, os que tinham toda assistência e credibilidade era a classe elitizada.

Por fim, Vogue like a Legend é uma ocasião e momento importante em que se traz visibilidade a cultura *Ballroom* e como é importante lembrar de suas lendas, de seus antepassados, de toda luta para conseguir ganhar esse espaço, que ainda é pouco diante a tudo os que nos foi tirado como comunidade. A representação dos que já foram e deixaram seu legado historicamente na cultura da *ball*, que construíram esse lugar que temos hoje, esse precioso lugar de acolhimento, representação, empatia e de debate político social.

Figura 6 – Categorias Baile Vermelho

★

soft X drama

FORA BOLSONARO!
 ÓBVIO QUE TEREMOS UMA CATEGORIA FORA BOLSONARO, AFINAL, É PRECISO GRITAR PRA TODOS OUVIREM, MAS, NESTA CATEGORIA, SIRVA SUA PERFORMANCE SOFT OU DRAMA COM O DRESS CODE DAS CORES DA BANDEIRA: AZUL, AMARELO Y VERDE; VAMOS RESSIGNIFICAR ESSAS CORES, A BANDEIRA É NOSSA!

vogue like a legend

BALLROOM BRASIL
 ENCERRANDO NOSSO BAILE, É IMPORTANTE LEMBRAR DAS NOSSAS LENDAS BRASILEIRAS NA CULTURA DE BAILE. PRA QUEM FOR SE ARRISCAR, TRAGA SUA REFERÊNCIA DE ALGUME LEGEND PARA OS JURADOS Y INTERPRETE A PERFORMANCE DELU NOS SEUS 10'S; NAS BATALHAS, TRAGA O SEU PRÓPRIO CUNT.

BICUDA **burning** **ABSOLUT.**

Fonte: Instagram Campinas Is Burning

O baile vermelho está disponível no Youtube⁹ no perfil do canal *Ballroom São Paulo*, que foi um dos meus modos de pesquisa, analisar as gravações de como ocorreu essa *ball* e como se deram as categorias citadas anteriormente no texto. Conteúdos que são disponibilizados e muitas das vezes são desconhecidos socialmente e passam despercebidos, porém, quando se começa a aprofundar-se e ultrapassar as camadas existentes, se encontra então toda essa riqueza que trago como reflexão.

2.3 SANTA CEIA DA BABILÔNIA

A Casa de Babilônia como citada anteriormente, surge através da vontade da Majestade Babilônia de ser mãe, de possibilitar afeto a outras pessoas e de poder trazer uma mudança nas relações de afeto. Pois, em sua comunidade de amigos ela sempre se preocupava e cuidava muitos deles e sempre estavam juntos na maioria das vezes, tudo isso foi criando um laço infinito, que a própria Majestade havia perdido em casa, então esse anseio de estimular esse carinho e afeto aos seus próximos foi um dos maiores motivos de ser mãe e criar a Casa de Babilônia. Como ela cita:

“Eu criei a babilônia depois do meu término, eu tinha amigos muito próximos a mim e eu quis ser mãe, eu cuidava mais deles do que eles de mim por mais que quem precisava de mais cuidados era eu. Então, foi a partir disso que eu comecei a ser mãe, cuidando dos meus amigos e foram vindas outras pessoas, hoje somos 25, então assim, ao mesmo tempo que eu cuido, eles cuidam de mim também e eles se cuidam, é essa dinâmica que nós temos, de reciprocidade, de empatia e de afeto. O afeto está aí exatamente porque a gente não tem e na babilônia enquanto família a gente garante esse afeto, esse carinho, esse calor do amor.” (BABILÔNIA, entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa. Google Meet – 07 de dezembro de 2022)

Quando abordo essa falta de afetividade dentro da casa biológica de Majestade Babilônia, me refiro a questões familiar dela sobre questões relacionadas a sua transição, no momento em que realmente dedicou-se a ser quem realmente era, de viver como a mulher que buscava e enxergava ser, usando vestidos, salto alto, maquiagens e afins, de estar presente como mãe à seus filhas e de ir contra tudo o que seus pais determinaram que ela seria,

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iS2fA4aIGck>

ocorreu-se então uma rejeição de sua família. Ela já não era amada e respeitada da mesma forma, não se sentia acolhida naquele lugar, a relação de afeto deles havia mudado, dado que, nem seu atual nome respeitavam, ela era chamada por seu nome morto. Decorrente disso, destaca-se a necessidade de alterar a onda de afeto, de possibilitar e receber afeto de outras pessoas que realmente se importavam com seu verdadeiro eu, que tinham suas mesmas vivências, que tinham o mínimo de empatia de poder entender como era estar naquele lugar, como era seu cotidiano e mesmo assim, ama-la por existir. Como revela na entrevista:

“Como a Ballroom é esse lugar de acolhimento, existem também as pessoas que não acolhem, não só dentro do Ballroom, mas fora também e eu hoje enquanto travesti, nunca tive o acolhimento que eu queria, quando eu me assumi gay minha mãe até me acolheu e falou que aceitava de certa forma, mas, quando me assumi travesti, comecei a usar cropped, comecei a usar vestido, comecei a usar maquiagem, comecei a usar picuman, salto alto, eu não tive o mesmo acolhimento de quando eu era viado. Então, eu olho pros meus filhos e a minha vontade de ser mãe é porque eu não tive uma mãe do meu lado, tenho ela mas é como se eu não tivesse porque ela não me dá afeto, ela não me acolhe, nossa relação de afeto mudou sabe e para além disso, eu fico mais na casa dos meus filhos, mas quando estou em casa por exemplo que é a casa da minha mãe que ainda é minha casa, eu escuto meu nome morto, escuto coisas que eu não quero ouvir, tenho que me comportar enquanto homem, então eu querer ser mãe é exatamente garantir pros meus filhos o afeto que eles não tem também.” (BABILÔNIA, entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa. Google Meet – 07 de dezembro de 2022)

A afetividade e o respeito é o que ligam a Casa de Babilônia, essas trocas são o verdadeiro sentido de família para eles. Garantir essa zona de carinho, amor e proteção, poder estimulá-los a prosseguir nos seus sonhos e seguir em frente buscando sempre o melhor em suas vidas, pois, ser uma família é exatamente isso, ser afeto nos momentos bons e ruins, contribuir para o rompimento de suas inseguranças internas e possibilitar outras formas de amar e ser amado, outras formas de respeitar e ser respeitado, outras formas de existir e torna-los vivos, uma vez que ninguém vive sem amor, ele une e fortalece. Com isso, também, destaco a relevância dessa família perante o desfazer das amarras sociais hegemônicas, que genericamente enxerga apenas as famílias tradicionais, com uma mãe e pai cis heteros, que como no caso da Majestade Babilônia muitas dessas famílias tradicionais, não partilham da afetividade, não se importam realmente nos anseios individuais de cada membro, pois estão cada

vez mais preocupados em sempre estar presos à esses padrões da sociedade, que geralmente estimula mais e mais o desafeto.

“Os dois princípios da babilônia que é o afeto e o respeito. O afeto é que estamos aqui para se afetar, para se darmos amor, para podermos ser uma família de verdade e o respeito é exatamente por isso, porque estamos nessa luta, eu estou como Mother lutando para garantir o que posso para meus filhos, então o mínimo que eu peço é o respeito, que me veja enquanto mãe porquê eu te vejo enquanto filho.” (BABILÔNIA, entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa. Google Meet – 07 de dezembro de 2022)

Referente a todas essas reflexões, destaco aqui a *Ball* Santa Ceia de Babilônia, que ocorrerá no dia 11 de fevereiro de 2023, realizada e organizada por Majestade. Acho importante abordar a representação dessa *ball* para e seu significado, que é o real nome da Casa, pois além de toda a sua conceituação de afeto e respeito dentro da família, eles também usam dessa zona para desempenhar o papel de membros dentro da cultura *Ballroom*, possibilitando também esse lugar de competitividade, festividade e acolhimento para a sua comunidade. Então a importância de apontar um aprofundamento sobre essa ball é de poder conhecer mais um pouco sobre o que essa Casa produz, para além de família.

Para além dos debates políticos, despertando o debate a temáticas de memória e identidade social, nas quais atrelam suas vidas desde sempre, como o deprimente preconceito da religião cristã à esses corpos dissidentes, que decorrente de suas crenças, abominam a existência dessa comunidade e esquece que todos os corpos precisam de afeto. Então a temática surge diante essa problemática social, trazendo aspectos e debates ligados a religião cristã. Com as seguintes categorias: Team Runaway – Discípulos, Face – Jezabel, Best Dressed – Adão e Eva, Melhor Saião Pentecostal, FF Rala a raba x MF Megão – Miriã x Davi, Trans Masc Realness – Lúcifer, Com x Com – Torre de Abel, Begginers Perf – Menino Jesus, Old Way – Mar Vermelho, New Way – Serpente do Éden, Hands Performance – Batismo, Sex Siren – Dalila, Soft e Cunt – Maria Madalena, Dramatics – Judas, NB Performance – Anjos, FQ Performance – Lilith, Vogue Performance – Ressureição de Cristo.

Figura 7 - Capa de divulgação *Ball* Santa Ceia da Babilônia

Fonte: Instagram Campinas Is Burning

Essa *Ball*, desperta um outro tipo de debate, que também toca o sensível identitário dessa comunidade, pois vai de encontro com seus eus, vivências e toda a rejeição da religião perante suas vidas, que desencadeiam uma onda enorme de preconceitos para esse grupo, que só por conta de escolherem não se esconderem e realmente serem quem são, sem precisar limitarem-se por padrões exigidos por essa sociedade de pensamentos cristãos e eurocêtricos, sofrem sua condenação eterna e como ocorreu igualmente com a Majestade, se sentem expulsos desse ambiente hostil que impulsiona-os a limitarem-se, a deixarem de lado suas vontades próprias de poderem abraçarem a si mesmos e se acolherem, se identificarem e sentirem empatia uns pelos outros.

A salvação que buscamos muitas das vezes está dentro de nós mesmos, mas primeiramente para encontra-la precisamos se sentirmos bem com nós mesmos e nos aceitarmos acima de tudo, mas também é de uma enorme diferença quando encontramos uma comunidade que nos possibilita esse gesto acolhedor e de empatia, pois, não é nada fácil viver em um mundo que é contra

a nossa existência, por isso resistimos diariamente. Como destaca Majestade ao explicar a resignificação do verdadeiro significado da Casa de Babilônia:

“Como fui da igreja, sempre ouvia falar muito de Babilônia que era um lugar de perdição, então quando eu saio da igreja e entro na Ballroom, eu crio minha casa e primeiramente a casa iria se chamar Casa de Majestade, porém Majestade já é meu nome e pensei poxa eu gosto da palavra Babilônia e do significado de Babilônia, o significado cristão, que é onde existia os corpos dissidentes, aonde nossos corpos estariam naquela época, eu jamais gostaria de estar em Jerusalém, jamais estaria em Belém, queria estar aonde meu corpo seria bem-vindo, aonde eu não seria julgada e aonde meus filhos estariam e não seriam julgados igual. A Babilônia ela vem nesse intuito de corpos dissidentes, nós somos esses corpos excluídos pela religião cristã, corpos aonde jamais estariam andando pelas ruas de Jerusalém, então a Babilônia aonde para a religião cristã é um lugar errado, então é isso se somos esses corpos errados que falam que somos, então somos Babilônia, somos essa resignificação do corpo, para além do corpo LGBT, preto, dos corpos gordos e os corpos que tem axé, porque além do Ballroom e família somos também uma casa de axé, firmados em lemanjá, então assim temos tudo para dar errado, tem tudo que não faz parte da religião cristão, então eles jamais vão contemplar nossos corpos, começando a partir de mim, do meu gênero, da minha cor de pele, da minha religião e para além disso, meus filhos que são corpos gordos, periféricos. Babilônia é isso, esse lugar, resignificar o que pra eles é errado e para nós é mais do que certo, isso aqui é vida, isso é libertação.” (BABILÔNIA, entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa. Google Meet – 07 de dezembro de 2022)

Desse modo, é notável a importância desse ambiente de difusão, festividade e discussão cultural que a *Ballroom* proporciona, é um livramento das limitações que nascem decorrentes de todas as amarras sociais que nos prendem a conceitos genéricos de como deve-se ou não viver. Por em destaque a potencialidade desse movimento que nasce e se difunde de corpos marginalizados e que sofrem historicamente ataques a sua existência, é ultrapassar as barreiras impostas socialmente e além disso é dar voz para essa comunidade que tem um marco na história de contínuos silenciamentos.

É de extrema importância destacar toda a representação da Casa de Babilônia e de compreender uma das maiores contribuições dessa *house*, possibilitar um encontro de pessoas que se representem, se acolhem e caminham juntas. Decorrente dessa observação, os membros dessa casa se sentiam mais acolhidos juntos, do que propriamente dentro de suas casas biológicas, então foi nesse sentido que a Majestade decidiu estabelecer uma nova fase em sua vida, aprimorar seus conceitos maternos, nesse momento então foi criada a Casa de Babilônia, unificando todos esses seres,

compartilhando dessa afetividade, dessa força identitária dessa comunidade, que já vinham empenhando esse papel de família e não sabiam, pois, estamos tão acostumados com conceitos superficiais dessa categoria familiar, que acabamos se limitando a hegemonia. Desse modo, pode-se afirmar no poder dessa outra concepção de família, visto que, a afetividade está na frente de qualquer coisa, eles se apoiam e correm juntos com o foco de garantir um ambiente melhor para essa família e para todas as outras famílias que partilham dessa mesma vivência e sentimentos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de todo esse processo de descobertas e aprendizados sobre a história de Majestade Babilônia, sua casa, suas produções e sobre a Cultura *Ballroom*, surgem vários outros pensamentos acerca dessa temática, pois, sempre haverá divergentes vertentes que despertam diferentes dúvidas e ideias. Ao iniciar minha pesquisa, encontrei-me com algumas concepções de como eu achava que seria esse estudo, confesso que eu me surpreendi inteiramente, visto que, a cada descobrimento surgiam mais e mais camadas a serem aprofundadas e difundidas. A Majestade sempre foi muito acolhedora e me ajudou bastante a conhecer o seu mundo, compartilhando de sua cultura e vivências comigo, em que eu trago presente nesse trabalho.

O estudo também possibilitou sentir-me representado por muitas das falas da Majestade, quando a mesma discute na entrevista sobre o encontro com seu verdadeiro eu e o quanto isso foi libertador. A salvação que precisamos está presente na resignificação de nossos corpos, nossas almas e nas possibilidades de encontrarmos outras formas de felicidade, pois, ser feliz é uma forma muito representativa de resgatar tudo o que nos foi tirado historicamente, toda a liberdade de poder sorrir sendo aquilo que sempre almejou ser e não ser julgado por isso, ter pessoas ao seu lado que te olham com olhar acolhedor e te resgatam de uma zona invisível e te põem em um lugar seguro e amável. Possibilitar uma narrativa para esses corpos dissidentes é agradecer por esses corpos existirem e não estar sozinho em meio a uma sociedade individual, que vem se corrompendo cotidianamente mais e mais, essas vozes devem ser escutadas e sentidas, visto que, ainda existem muitas pessoas perdidas e que ainda não se encontraram verdadeiramente em meio a todos os seus *eus*, que morrem continuamente em uma sociedade que assassina todos esses corpos constantemente.

Nesse sentido, entendo as *Balls* como espaços que vão além da autonomia de uma comunidade de ser quem realmente gostam de ser, sem sofrer ameaças e preconceitos, também se torna um lugar de debates mais profundos, muitos dos quais não existem dentro de casa, famílias, trabalho, escolas e etc. Esse potencial da cultura de romper as camadas da hegemonia a partir de suas diferentes formas de impulsionar debates que de certa forma geram silenciamentos por parte da censura que é instalada na sociedade, a

marginalização dessas comunidades apenas só contribuem mais ainda para a desinformação desses movimentos, então nota-se que somente com a apresentação de uma *ball* com várias outras existentes, resgata-se uma produção com uma curadoria didática e de comunicação rica de compartilhamentos de menções históricas e cotidianas.

Portanto analisando todas essas produções das *Balls* em Campinas por Majestade, vendo como é complexo e nem um pouco fácil realizar todas essas *Balls*, com isso, reflete-se na grande dúvida de: Porquê de todo esse esforço? Para quê e para quem?

A indagação surge para trazer a reflexão de pensar além do evento, pensar na justificativa central de sua existência e no que esse movimento reflete, as mudanças possibilitadas a partir desse evento, a sensibilidade de pensar em como a existência desse lugar é importante. Como responde Majestade Babilônia (2022), que as *balls* é tudo, que elas proporcionam um espaço de segurança e de liberdade para ser quem você quiser, se vestir como quiser e para além disso, é exclusivamente um lugar de respeito. Então, é inteiramente uma revolução desses corpos, pois são esses corpos que estão na frente, movimentando a cena e garantindo uma intervenção social, ressaltando a existência desses corpos que são historicamente silenciados.

Para finalizar, gostaria de ressaltar que a partir de toda essa minha experiência vivenciada nessa pesquisa, me aprofundei mais ainda nessa temática e pretendo dar continuidade em pesquisas relacionadas e ir atravessando outras camadas, procurando entender como esses corpos dissidentes performam em diferentes espaços, para além do ambiente da cultura *Ballroom*, enxergar esses corpos em outros lugares, pois, como discuto em meu trabalho que as festas tem a função de tirar os indivíduos de suas frustrações cotidianas, agora a próxima camada é trazer a narrativa dessa comunidade em outros ambientes, para focar em outros pontos que não puderam ser aprofundados no presente estudo. Por fim, finalizo meu trabalho de conclusão de curso com o surgimento de outras ideias e propósitos que interligam vários capítulos a serem desvendados em futuras pesquisas realizadas por mim, diante de uma temática que precisa de mais acolhimento, visibilidade e atenção.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita. *As Mediações Culturais das Festas*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998. p. 13 – 22.
- BABILÔNIA, Majestade. [Entrevista cedida a Pablo Felipe de Oliveira Sousa]. Google Meet – 2022.
- BAILEY, M.M. *Butch Queens Up in Pumps: Gender, Performance, and Ballroom Culture in Detroit*. Michigan: The University Of Michigan Press. 2013.
- CARDOSO, Michelle Rodrigues; FERRO, Luís Felipe. Saúde e população LGBT: Demandas e especificidades em questão. *Psicologia, Ciência e Profissão*, [s. l], v. 3, n. 32, p. 552-563, dez. 2012.
- FAVELA venceu. Intérprete: Don L. Compositores: L Don, NAVE. In: ROTEIRO pra Aïnouz, Vol. 2. Intérprete: Don L. [S l]: Independente, 2021. 1 CD, Faixa 9.
- HUGHES, L. *The Big Sea: An Autobiography*. Hill and Wang, 1993, 2nd edition, 1993, p. 335.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: Realizando uma pesquisa etnográfica online: o método da netnografia*. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2014. p. 60 – 73.
- LAWRENCE, T. *Voguing and the Ballroom Scene of New York, 1989-92*. New York, Soul Jazz Books, 2011, p. 208.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v.17, N.49, São Paulo, junho 2002.
- MORAES, Dênis de. Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: a Contribuição Teórica de Gramsci. *Revista Debates*, v. 4, n. 1, pp. 54-77, 2010.

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. EUA: Art Matters Inc. e Miramax, 1990. 71 min (DVD). Son, Col, Inglês.

PERRONI, T. C.; APOLINÁRIO, E. B. R.; GRALAK, M. M.; MANFREDINI, G. A.; MINATOGAWA, M. C. As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015). *Epígrafe*, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 97-108, 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T.T. (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.139-204.

SANTOS, Henrique Cintra. A transnacionalização da cultura dos Ballrooms. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. São Paulo: Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo, 2012. p. 13.

VICH, Victor. Políticas Culturais Conjunturas e Territorialidades: o que é um gestor cultural?. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. p. 49 – 54. Documentário Paris Is Burnings – Jennie Livingston Jose Guilherme Cantor Magnani, 2017.

VIDAL, Júlia Silva. Criminalização operativa: travestis e normas de gênero. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2020.